

Ataque à recessão
O polêmico Merquior

ESTOJE

25 DE MARÇO DE 1987 Nº 535 CxS 40,00

CORRIDA AO OURO

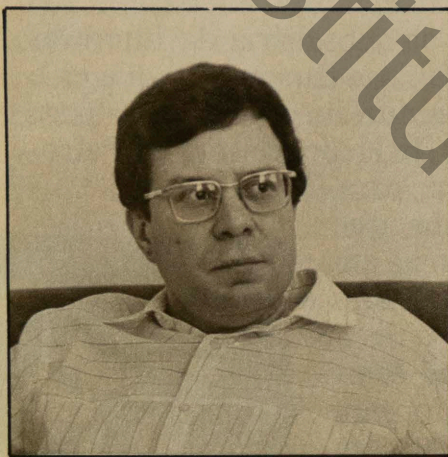
- Empresas estocam 200 toneladas com medo da crise
- Governo toma medidas para legalizar mercado

MARAUÁ, SANTARÉM, RIO BRANCO, ALTAMIRA, BOA VISTA, PORTO VELHO, JI-PARANÁ, VILHENA, SIMOP, ALTA ESPERANÇA, CxS 55,00

Handwritten: 3/11/87
Ivanopag
contemporânea

A nova febre do ouro

Cotações disparam enquanto as empresas estocam para se proteger da crise e o governo corre ao garimpo tanto para fazer reservas como para conter o contrabando. **62**



Merquior chama para a briga

Um dos mais ativos polemistas das letras nacionais, o diplomata José Guilherme Merquior, volta ao centro dos debates com seu novo livro, *O Marxismo Ocidental*. **76**

Começa a reforma do ministério

O adeus de Sayad (foto) ao Planejamento amplia os poderes de Dílson Funaro e ainda abre a temporada de reformas na equipe de ministros do presidente Sarney. **21**



Precauções contra o risco da recessão

Rota é corrigida para vacinar a economia contra a recessão. **67**

Alfonsín enfrenta pressão militar

Na Argentina, processos contra militares atingem seu ponto mais crítico. **58**

Sem atalhos

A imprensa tem algo mais a fazer além da sua missão básica – que é a de perseguir e capturar informações corretas. Tanto quanto isso, é preciso interpretá-las para ajudar o leitor na tarefa de decifrar a realidade mais precisa. Disso bem sabe o leitor de ISTOÉ, que, nos últimos meses, pôde acompanhar a rota da crise econômica em geral, e a crônica da moratória, em particular, sem perder-se em um desses atalhos tentadores que costumam desnortear os menos avisados e informados.

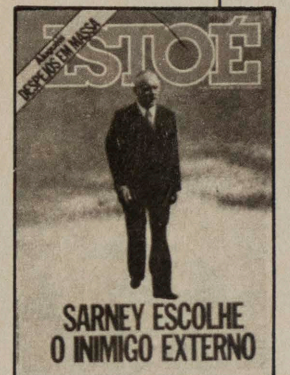
Esta revista, por exemplo, adiantou na capa da primeira edição de dezembro passado que o Brasil aproximava-se do momento de dizer não aos banqueiros. Veículos ainda fumegavam nas largas ruas de Brasília, incendiados durante violenta manifestação contra o Cruzado II, e tinha-se a impressão de que o que contava no debate econômico eram exclusivamente as distorções internas. Mas, àquela altura, já era possível prever que as mais importantes manchetes terminariam brotando do setor externo, pois logo ficaria evidente que o pagamento em dia dos juros da dívida esbarraria na impossibilidade aritmética e no bom senso político.

Passaram-se menos de três meses e o inevitável aconteceu. Sem poder e sem querer continuar produzindo mastodônticos superávits na sua balança comercial para saldar a conta dos juros – um dos maiores obstáculos ao crescimento interno –, o Brasil decretava em fevereiro a moratória unilateral. E assim voltava a se ampliar o espaço no governo do maior defensor da medida, o ministro da Fazenda, Dílson Funaro.

A velocidade da evolução de qualquer crise contribui para embaralhar o entendimento do que realmente está acontecendo. Por esse motivo, nos últimos dias, o plano de ajuste interno do ministro do Planejamento João Sayad assumia, à primeira vista, um peso muito superior ao esboço que começava a ser engendrado na Fazenda para vergar a resistência dos banqueiros. Tema da reportagem de capa da edição anterior, o programa que Funaro apresentará em breve à nação e aos bancos já havia, entretanto, recebido a chancela do Planalto, que desde o início evitou estimular a derradeira tentativa de Sayad de manejar os controles da administração de curto prazo da economia. O desfecho não poderia ter sido outro. Do grupo que construiu as entranhas do Plano Cruzado há mais de um ano, restou Funaro. Agora é a sua vez de fazer uma aposta decisiva.



Dez. 86



Fev. 87

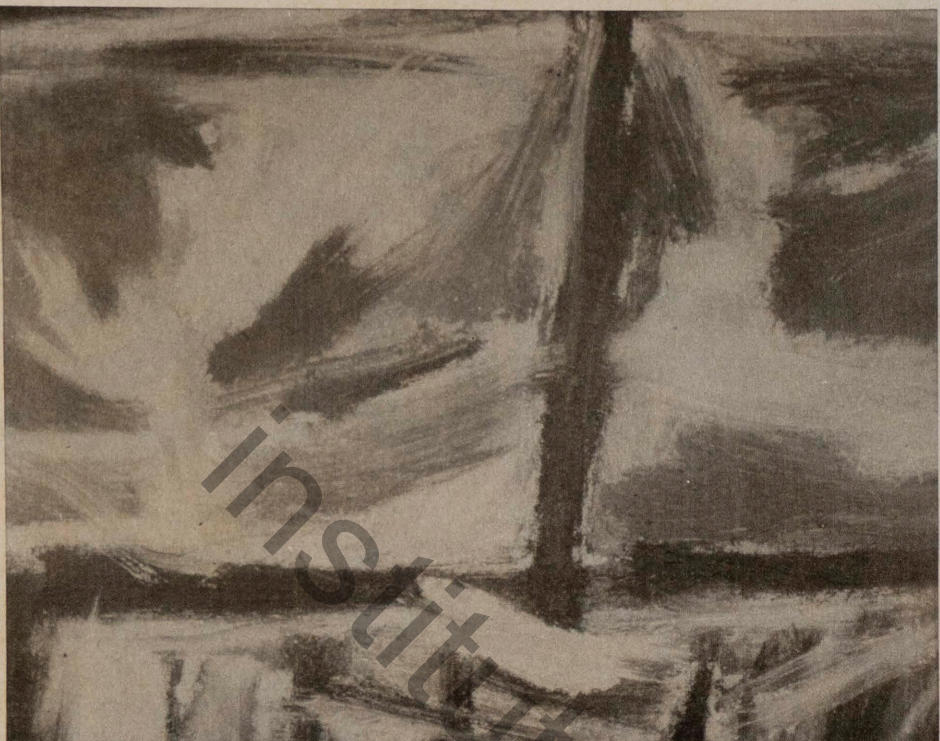


Mar. 87

EM CARTAZ	4
MILLÔR	10
LINHA DIRETA	16
BRASIL	18
COMPORTAMENTO	30
CULTURA	34
GERAL	43
COM A PALAVRA	56
MUNDO	58
ECONOMIA	62
TRIBUNA	69
ENTREVISTA	70
DO CADERNO H	73
GENTE EM CARTAZ	74
LIVROS	76
HAPPY DAYS	82

Os Editores

CAPA: Luiz Carlos Mattos
FOTO: Paulo Leite



“Paisagem” (1963): antecipando o neo-expressionismo



Da “fase negra” (64): único momento de protesto

ARTE

Modelo para gerações

A OBRA MÚLTIPLA DE IVAN SERPA REVISTA

● *Galeria Klee, Rio*

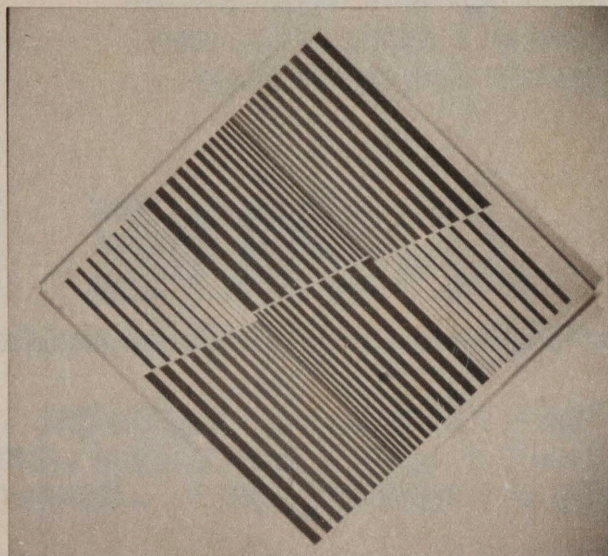
Um ano depois de sua morte, ocorrida em abril de 1973, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro homenageou Ivan Serpa com a mais completa retrospectiva de sua obra. Foram reunidas 90 pinturas, 141 desenhos, 31 gravuras e 2 objetos. Depois dessa mostra, não é que sua obra tenha caído no ostracismo total, mas é certo que a ela não tem sido dada atenção correspondente à sua importância na história da arte brasileira.

Foi necessário esperar quase uma década para que sua obra, copiosa e quase sempre genial, começasse a ser revista. Curiosamente, sabendo-se que Serpa foi um dos pioneiros da arte geométrica no Brasil, esta revisão começou pela “fase negra” (1964), o único momento decididamente de protesto em sua obra, e que a crítica Aracy Amaral definiu como “esgares terríveis de um tempo apocalíptico”. O súbito prestígio desta fase do artista explica-se, sem dúvida, pelo sucesso da pintura neo-expressionista dos anos 80, da qual ele seria, no Brasil, um antecipador, ao lado de Iberê Camargo e Flávio-Shiró. Obras da “fase negra” estiveram expostas na mostra *Entre a Mancha e a Figura* (MAM, 1982) e na

sala especial da última Bienal de São Paulo (1985) dedicada ao expressionismo brasileiro.

Pinturas do seu primeiro período geométrico, o do grupo Frente, que ele criou e liderou entre 1954 e 1956, puderam ser vistas no levantamento da vertente construtiva da arte carioca feito pela Galeria de Arte Banerj, em 1984, mostra que circulou, posteriormente, por várias capitais brasileiras. Em seguida, na mesma galeria, em mostra comemorativa dos vinte anos de *Opinião 65*, lá estava de novo Serpa com pinturas que podem ser rotuladas de “nova figuração”. Finalmente, no final do ano passado, Maurício Leite Barbosa expôs em sua galeria 45 pequenos guaches informais, realizados pelo artista com brilho virtuosístico, em apenas alguns dias de novembro de 1961.

É esta diversidade de estilos e propostas que levou a crítica a identificar em Serpa um “fenômeno de periodização”, “vôos desassossegados” com freqüentes mudanças de percurso. Mas a observação lapidar a este respeito foi feita pelo



“Ritmo em Vermelho”: geometria

crítico carioca Jayme Maurício: “Não há estilo Serpa, há uma adesão de Serpa a um estilo”. Adesão que não estava marcada pelo oportunismo, mas por uma necessidade quase compulsiva de pôr à prova a versatilidade de seu talento, sustentado por um impecável artesanato.

A atual exposição é a primeira tentativa, depois da monumental retrospectiva de 1974, de oferecer uma visão do percurso artístico de Serpa, com apresentação de obras que ilustram seus diferentes períodos e fases. As 28 obras expostas, a maioria de pequeno porte e realizada sobre papel, pertencem a três colecionadores cariocas, os engenheiros Orlando Bessa e Paulo Lima e o jornalista e publicitário Alfredo Sotto de Almeida.

As obras não estão a venda, mas se estivessem custariam de 30 mil (pequeno desenho da “fase negra”) ou 200 mil (uma de suas raras colagens feitas a alta temperatura, de 1954) até 1 milhão de cruzados para uma pintura geométrica de 1968. Bessa, proprietário da galeria, garante que “o nosso objetivo é tornar mais conhecida a obra de Serpa, especialmente junto às novas gerações”. Lima, por sua vez, acha que Serpa é um exemplo a ser seguido pelos artistas jovens, destacando nele “a intransigente proibição profissional, que o levou, não poucas vezes, a substituir, para em seguida destruir, obras de sua autoria, de propriedade de alguns colecionadores, por considerá-las insatisfatórias”.

Espera-se que, depois desta pequena amostragem, algum dos nossos museus rompa o silêncio e realize a exposição que o Brasil deve a um dos seus maiores artistas.

Frederico Morais▲